

# INTERGALACTIC






























# INTERGALACTIC



# INTERGALACTIC

# Alfabeto de Tessira

 A	 I	 Q	 Y
 B	 J	 R	 Z
 C	 K	 S	
 D	 L	 T	
 E	 M	 U	
 F	 N	 V	
 G	 O	 W	
 H	 P	 X	

# שקולנו תורתו

A ponte da Dreadstar estava em silêncio, exceto pelo som mecânico da nave cortando o espaço-tempo. Sam estava tenso, os olhos fixos nas telas. A tela principal distorcia a realidade à medida que a nave avançava pela Rede de Dobra Espacial, e Sam sabia que qualquer falha agora significava a morte.

— Você já se esqueceu de algo, Sam? — Z3-PO perguntou, sem levantar os olhos dos cálculos. Seu tom era neutro, mas havia uma pitada de sarcasmo na maneira como se referia à necessidade de conferir cada aspecto da nave.

— Tudo sob controle, Z3. Só segure o que restou dessa nave velha.

O som estridente das telas de comunicação cortou o silêncio tenso. Todos os olhos se voltaram para a projeção holográfica que se expandia diante deles, as imagens em 3D surgindo com a força de um martelo.

Sam esticou os dedos em direção à tela, os olhos arregalados. Quando a imagem de seu rosto surgiu, ele mordeu o lábio inferior, uma onda de frustração o atravessando.

Z3-PO soltou uma risada metálica, o som cortando a tensão com seu toque de sarcasmo.

Jenny se virou bruscamente para a tela, e sua respiração ficou mais pesada. Seus punhos se fecharam até as unhas ficarem brancas. Ela não podia esconder mais a raiva, o ódio pulsando em suas veias como se fosse uma chama.



— *Assassina?* Eles me chamaram de assassina? — sua voz estava baixa, mas o veneno nas palavras era claro.

Ela avançou rapidamente, um movimento fluído, mas violento, até a parede da cabine. O impacto da sua palma contra o metal fez a nave tremer levemente, mas a fúria em seu rosto estava mais forte do que qualquer trepidação da Dreadstar.

Sam se levantou, tentando interceder, mas antes que pudesse dizer algo, Jenny o cortou.

— Não venha com essa merda de "calma". Você me colocou nessa merda! E agora quer que eu simplesmente me acalme e aceite essa merda? — Sua voz cresceu, os músculos tensos, e os olhos queimando com raiva.

O silêncio que se seguiu foi carregado de eletricidade. Sam ficou parado, as palavras presas na garganta, até que Z3-PO, com seu tom irônico habitual, interveio.

— Calma, gente. Não me diga que vou ter que operar um novo sistema de "relacionamentos entre tripulantes" logo agora. Isso não é um casamento, é uma fuga apressada, lembra? — o droide fez uma pausa antes de rir de novo, mas sem a diversão verdadeira.

Jenny virou-se, ignorando o comentário de Z3-PO como se ele fosse uma mosca. Ela avançou para a parte de trás da nave, deixando uma energia fria e carregada atrás de si. Sam, com os olhos baixados, suspirou e girou o volante da Dreadstar, puxando a alavanca com uma pressão cansada.

— Rumo à Rede de Dobra Espacial, então. Rápido.

O comando foi dado com pressa. A Dreadstar, uma nave robusta e resistente, respondeu imediatamente. As luzes da ponte começaram a oscilar, e o universo fora da nave se distorceu de maneira impressionante. O espaço e o tempo, tradicionalmente intransponíveis e rígidos, pareciam rasgar-se, como se uma linha invisível tivesse sido traçada entre dois pontos distantes, curvando o espaço ao redor da nave. Cada partícula de matéria, cada bit de radiação, estava sendo comprimido e expandido de forma a criar uma bolha de distorção.

Sam ajustou as leituras no painel. O espaço-tempo ao redor da nave estava em um estado de fluxos incompreensíveis. A curvatura não era mais uma simples anomalia, mas uma manifestação física do que a humanidade havia calculado, mas nunca visto em ação: a manipulação da geometria do universo. A nave não viajava pelo espaço como o faz uma nave convencional, mas estava se movendo em uma "bolha de dobra" que distorcia a própria malha espaço-temporal. À frente, o espaço era comprimido, e atrás, era dilatado, criando uma espécie de atalho através do vácuo.

Z3-PO observava as leituras com seus olhos fluorescentes. A energia da nave, agora, estava sendo constantemente ajustada, à medida que o campo magnético gerado para proteger a nave das radiações cósmicas e partículas carregadas se tornava mais instável. O campo de energia negativa, essencial para manter a bolha de dobra estável, era mantido pelos supercondutores de plasma estabilizado a temperaturas próximas ao zero absoluto. A menor falha nesses sistemas poderia fazer com que o espaço-tempo se fragmentasse, enviando a nave para uma dimensão desconhecida.

— Sam, você está mesmo seguro com essa rota? — Z3-PO perguntou, a voz metálica e impessoal não escondendo um leve tom de preocupação. — A RDE nos leva em linha reta, mas há instabilidades... e um pequeno erro na configuração do campo de energia negativa pode nos levar direto para uma singularidade quântica.

Sam manteve os olhos fixos no painel, ajustando rapidamente os fluxos de energia. Ele sabia que a nave não estava tão segura quanto queria parecer. Havia riscos enormes na viagem, mas era a única escolha que tinham.

— Não temos escolha, Z3. Se não entrarmos na RDE agora, seremos alcançados. E o que vem depois disso... não é uma opção.

A Dreadstar avançava pela distorção crescente do espaço-tempo. A "bolha de dobra" estava agora estabilizada, com o campo de plasma contido por anéis supercondutores ao redor da nave, criando um escudo contra as forças externas. O que antes era um vazio absoluto agora parecia um turbilhão de energia condensada, em que estrelas se esticavam e se torciam como linhas vermelhas e brilhantes, visíveis apenas pelo breve momento em que a nave passava por elas.

Jenny, no fundo da nave, olhava para as lâminas enquanto o reflexo de sua lâmina reluzia nas paredes da nave. Ela sentia a aceleração interna da bolha de dobra, mas não a física da aceleração convencional. A gravidade artificial estava sendo mantida estável, e a pressão em seus ossos era nula. Ela não precisava de mais energia para continuar sua meditação, mas a tensão no ar era quase palpável.

O espaço ao redor da nave se distorceu ainda mais à medida que a bolha de dobra avançava para seu ponto de singularidade quântica. O mapeamento dos pontos de dobra, que haviam sido cuidadosamente calculados e projetados, guiava a Dreadstar por essa rede de instabilidades no vácuo quântico. No entanto, mesmo com a previsão meticulosa de cálculos baseados em raios gama e ondas gravitacionais, a trajetória estava longe de ser simples. Sam sabia que a cada instante, um desvio mínimo poderia ser fatal, mas ele confiava nos cálculos.

— Bolha de dobra estabilizada. Preparando para cruzar o ponto de singularidade... — Sam murmurou para si mesmo.

O campo de energia negativa pulsava, absorvendo a reação da inversão de densidade no espaço-tempo. As partículas quânticas geravam flutuações e criando uma pressão instável. Isso significava que a nave estava se movendo a velocidades inimagináveis — 10 anos-luz por mês terrestre — sem violar as leis da física. A Dreadstar estava prestes a percorrer a distância de 4,37 anos-luz até Alpha Centauri em apenas 13 dias terrestres, mas o custo era imenso. Mesmo com as limitações, o campo de dobra era sua única saída para escapar da galáxia cheia de caçadores de recompensas que estavam se aproximando. Sam olhou para o painel e viu as últimas distorções antes da nave se imergir completamente na bolha. O espaço-tempo a sua frente parecia se esfumçar, as estrelas diluídas em linhas de energia pulsante. A Dreadstar estava avançando no abismo da rede de dobra espacial, um vórtice de energia comprimida e distorcida, e a velocidade do movimento era tão grande que o universo parecia se distender à medida que passavam por ele.

— Vamos ver onde essa rede nos leva, — disse Sam, mais para si do que para os outros. Mas, no fundo, ele sabia que nada, nem mesmo as velocidades da dobra, eram suficientes para escapar das consequências que o aguardavam.

## — Capítulo Dois —

### לֹא יִשְׁכַּח לְךָ אֶת־הַיָּם

Jenny estava sentada no fundo da ponte, as lâminas em suas mãos cintilando com o reflexo das luzes oscilantes da nave. Sua mandíbula estava tensa, os olhos fixos na visão distorcida do espaço que se desenrolava pela janela frontal. Sam estava ao leme, ajustando as leituras com os olhos semicerrados, a tensão em seus ombros traíndo a calma que ele tentava projetar. Z3-PO, a constante metálica, estava ao lado, os sensores luminosos piscando em intervalos irregulares enquanto monitorava os sistemas.

— Você sempre faz isso, Sam, — começou Jenny, a voz cortante como as lâminas em suas mãos. — Se joga em situações impossíveis sem pensar em como vamos sair delas. Sam suspirou, sem desviar os olhos do painel. Ele sabia que a briga estava vindo, mas não tinha energia para evitá-la.

— Não tinha escolha, Jenny. Ou isso, ou seríamos capturados. Você prefere enfrentar os caçadores de recompensas? Porque, da última vez que chequei, suas lâminas não cortam tiros de plasma.

Jenny se levantou de repente, o som das botas ecoando no chão da ponte. — Não tinha escolha? Essa é sempre a sua desculpa! Você acha que só porque está no comando, pode decidir o destino de todos nós sem consultar ninguém?

Z3-PO, com seus olhos brilhando em azul, inclinou a cabeça de metal para o lado, o que parecia uma tentativa de observar os dois ao mesmo tempo. — Ah, sim, adoro essas discussões apaixonadas. Nada como um pouco de drama humano para alegrar a monotonia de uma viagem intergaláctica.

— Fique fora disso, Z3, — Jenny rosnou, apontando uma das lâminas para ele. — Não estou de humor para o seu sarcasmo barato.

— Sarcasmo? — respondeu Z3, recuando um passo teatralmente. — Eu? Estou apenas tentando ajudar, querida Jenny. Talvez uma respiração profunda? Ou um pouco de meditação? Ou, quem sabe, você poderia apontar aquela lâmina para alguém que realmente mereça... como Sam.

Sam girou na cadeira, a frustração explodindo. — Vai se ferrar, Z3! Você não está ajudando.

— Ah, a aliança entre capitão e robô está começando a se desfazer? Que trágico. — Z3-PO estendeu os braços mecânicos em um gesto exagerado. — Por que não resolvem isso com uma batalha de egos? Posso até calcular as probabilidades de vitória.

Jenny avançou, a lâmina agora perigosamente perto da cabeça de Z3-PO. Sua voz estava baixa e cheia de ameaça. — Se você abrir essa boca mais uma vez, eu vou desmontar você peça por peça e jogá-lo no espaço. Entendido?

Z3 ficou imóvel por um momento, os olhos piscando em um padrão que parecia um tipo de cálculo interno. Finalmente, respondeu: — Entendido. Mas, francamente, minha probabilidade de sobrevivência fora desta nave não é muito diferente de dentro dela, considerando o estado deplorável do nosso combustível.

As palavras foram recebidas com silêncio. Sam franziu a testa e se virou rapidamente para o painel, começando a digitar furiosamente. Jenny recuou, mas sua raiva ainda era palpável.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Jenny, cruzando os braços.

Antes que Sam pudesse responder, um alarme ensurdecedor preencheu a ponte, suas luzes vermelhas piscando com intensidade. O som era grave e irregular, uma indicação clara de que algo estava seriamente errado.

— Merda, — murmurou Sam, as mãos voando sobre os controles. — É o combustível. Estamos esgotando mais rápido do que deveríamos.

— Como assim? — Jenny se aproximou, olhando por cima do ombro de Sam. — Pensei que tínhamos energia suficiente para pelo menos chegar ao próximo ponto de dobra.

— Tínhamos. Mas algo está drenando o reator. — Ele bateu o painel, como se isso pudesse fazer os dados mudarem. — Estamos perdendo antimatéria mais rápido do que conseguimos estabilizar. Se não fizermos algo agora, a bolha de dobra vai colapsar.

Z3-PO inclinou a cabeça. — Bem, pelo menos não precisaremos nos preocupar com caçadores de recompensas. Porque, sinceramente, todos nós estaremos mortos antes que eles nos alcancem.

Jenny girou em direção ao androide, as lâminas em punho novamente. — Eu juro que você...

— Jenny! — Sam gritou, cortando-a. — Preciso de você focada agora. Não temos tempo para brigar.

Ela hesitou, olhando para Sam com raiva evidente, mas finalmente recuou, guardando as lâminas com um movimento brusco. — O que você precisa que eu faça?

Sam olhou para ela, a seriedade em seu rosto substituindo qualquer vestígio de exasperação. — Vá para o núcleo do reator. Z3 vai te guiar. Precisamos identificar a fonte da drenagem. Se for uma falha no sistema de contenção, podemos consertar antes que seja tarde.

Jenny lançou um último olhar mortal para Z3-PO antes de sair da ponte, seguindo as instruções do androide, que parecia mais do que satisfeito em ter a última palavra.

— Vamos, minha cara. Para o coração da besta, onde provavelmente morreremos juntos em um glorioso espetáculo de explosões quânticas. — Ele fez um gesto exagerado para que ela passasse, mas se manteve a uma distância segura.

Na ponte, Sam soltou um suspiro cansado e voltou a focar nos controles. Ele sabia que as chances de sobreviver estavam diminuindo, e a tensão crescente entre ele e Jenny não ajudava. Mas, no fundo, ele também sabia que, se alguém pudesse resolver aquilo, seriam eles — juntos, como sempre tinham sido, apesar de tudo.

A porta que levava ao núcleo do reator rangeu ao abrir, revelando um corredor sombrio iluminado apenas por luzes pulsantes que piscavam em vermelho, projetando sombras ameaçadoras nas paredes de metal. O ar estava carregado de calor e ruído — um zumbido baixo e constante misturado ao som rítmico de algo que parecia gotejar. Jenny avançou com cautela, as lâminas presas às laterais de sua cintura, enquanto Z3-PO seguia logo atrás, com passos metálicos ecoando pelo corredor estreito.

— Sabe, Jenny, — começou Z3, sua voz abafada pela reverberação do ambiente. — Nunca imaginei que meu dia terminaria em uma missão suicida no núcleo de um reator. Mas, pensando bem, meu dia já começou ruim quando você ameaçou desmontar meu lindo chassis.

Jenny não respondeu. Seus olhos percorriam o caminho à frente, atentos a qualquer movimento. Ela sabia que algo estava errado desde o momento em que o alarme disparou. O zumbido do reator, normalmente uniforme, agora parecia errático, como um coração que não conseguia manter o ritmo.

Ao se aproximarem da sala do núcleo, a temperatura aumentou, e uma leve névoa começou a emanar de canos rachados, criando uma atmosfera opressora. Quando a porta final deslizou para o lado, Jenny parou abruptamente.



O núcleo do reator era um vasto espaço cilíndrico, com um duto principal de antimatéria pulsando com energia em seu centro. Anéis magnéticos brilhavam em azul em torno do núcleo, girando em alta velocidade para conter a reação instável. No entanto, algo estava claramente errado: as luzes que indicavam estabilidade estavam piscando em amarelo e vermelho, e a própria estrutura do núcleo parecia vibrar de forma irregular.

— Isso não é bom, — murmurou Z3, inclinando a cabeça enquanto seus sensores captavam leituras do ambiente. — As leituras de antimatéria estão subindo exponencialmente. Se chegarmos a 200% da capacidade, bem... — Ele fez uma pausa, sua voz adquirindo um tom ainda mais sarcástico. — Vamos todos fazer uma viagem muito curta para um buraco negro recém-nascido.

Jenny deu um passo à frente, seu olhar fixo em algo que se movia ao redor do núcleo. Por um momento, ela pensou que era uma sombra projetada pelo duto giratório, mas então viu: um ser alienígena se contorcendo em torno do reator.

Era grotesco, como uma mistura de aracnídeo e cefalópode. Seu corpo era coberto por uma carapaça negra, brilhante e segmentada, enquanto longos tentáculos translúcidos se estendiam do seu torso, enrolando-se nos anéis de contenção magnética. No centro de sua estrutura, uma boca dentada pulsava como se estivesse respirando.

— Que diabos é isso? — Jenny perguntou, a voz baixa, mas carregada de tensão.

— Bem, parece que temos um parasita de vácuo quântico, — respondeu Z3, enquanto fazia uma varredura rápida. — Uma criatura rara, mas extremamente perigosa. Ele está se alimentando diretamente da antimatéria no núcleo.

Jenny puxou suas lâminas, ativando-as com um zumbido cortante. — Como matamos isso?

— Ah, essa é a parte divertida, — respondeu Z3, recuando ligeiramente. — Não podemos. Pelo menos, não sem causar uma reação em cadeia no núcleo. Se o nível de antimatéria ultrapassar o limite, o reator colapsará, criando uma singularidade e, logo em seguida, um buraco negro que consumirá esta nave. E provavelmente metade deste sistema estelar.

O parasita parecia perceber a presença deles, seus tentáculos ondulando em um movimento quase hipnótico. Um dos apêndices bateu contra o duto de contenção, fazendo faíscas saltarem para todos os lados.

— Ele está acelerando a instabilidade do núcleo, — Z3 alertou. — Temos que tirá-lo de lá antes que seja tarde demais.

Jenny apertou as lâminas em suas mãos, os olhos fixos no parasita. — Se não podemos matá-lo diretamente, então como o removemos?

Z3 hesitou por um segundo, o brilho de seus olhos indicando que estava processando milhares de cálculos. — Podemos atrair ele para fora com um sinal de alta frequência. Essas criaturas são extremamente sensíveis a padrões sonoros, especialmente os que simulam campos magnéticos. Se conseguirmos levá-lo para um dos dutos de manutenção...

— ...Podemos ejetá-lo para o espaço, — completou Jenny, já se movendo em direção ao painel de controle na lateral do núcleo.

— Exatamente. Mas, só para constar, qualquer movimento brusco enquanto ele estiver conectado ao núcleo pode resultar em... você sabe, a nossa aniquilação.

Jenny não perdeu tempo. Seus dedos voaram pelo painel, ativando o sistema de emissão sonora da sala. Uma sequência de frequências começou a pulsar pelos alto-falantes, preenchendo o espaço com um som agudo e oscilante. O parasita reagiu imediatamente, seus tentáculos se retraindo enquanto ele soltava um grito baixo e gutural.

— Funcionando, — murmurou Z3, seus sensores fixados no parasita. — Mas ele não vai sair sem lutar.

Jenny se posicionou entre o parasita e o painel, suas lâminas brilhando sob a luz instável do reator. — Então, que venha.

A sala do núcleo parecia vibrar com a tensão crescente. O parasita contorcia seus tentáculos, arrancando faíscas dos anéis de contenção enquanto Jenny avançava com suas lâminas prontas. Z3-PO recuou, buscando cobertura enquanto seus sensores zuniam em alerta máximo.

— Jenny, não recomendo uma abordagem direta! — Z3 gritou, mas suas palavras foram ignoradas. Jenny já estava em movimento, seus olhos fixos na criatura.

O parasita percebeu a ameaça e reagiu com velocidade surpreendente. Um de seus tentáculos chicoteou em direção a Jenny, mas ela girou o corpo com precisão, cortando o apêndice com uma das lâminas. A extremidade amputada caiu ao chão com um som viscoso, exalando um líquido verde fosforescente que começou a corroer o metal ao redor. Jenny não hesitou. Ela avançou com ferocidade, suas lâminas rodopiando em golpes brutais. Cada corte arrancava pedaços da carapaça do parasita, expondo carne pulsante e um fluido que parecia ferver no contato com o ar. O alienígena soltou um grito agudo, reverberando pelas paredes do núcleo. Seus tentáculos restantes atacaram de forma desordenada, tentando repelir a ofensiva implacável de Jenny.

Um golpe certo separou outro tentáculo do corpo da criatura, mas o movimento deixou Jenny vulnerável. Um dos apêndices restantes se enrolou em sua perna, puxando-a violentamente para o chão. Ela caiu com um baque, seu rosto quase atingindo o piso corroído.

— Jenny! — gritou Z3, seus olhos piscando em pânico enquanto tentava calcular uma forma de ajudar.

Mas Jenny estava longe de se render. Com um grito primal, ela cravou uma das lâminas no tentáculo que a prendia, cortando-o em um movimento selvagem. O parasita recuou, soltando mais daquele fluido corrosivo que começou a pingar no núcleo, causando uma série de pequenos curtos-circuitos.

— Esse desgraçado vai destruir tudo antes de eu terminar! — Jenny gritou, levantando-se rapidamente. Sua respiração estava pesada, e seu rosto estava salpicado de pequenas gotas do fluido corrosivo, que deixavam marcas escuras em sua pele.

O parasita, agora em desespero, lançou-se em direção a ela com seu corpo inteiro, tentando esmagá-la contra uma das paredes do reator. Jenny desviou por pouco, mas o impacto da criatura fez o núcleo inteiro tremer. Alarme após alarme começou a soar, indicando que os anéis de contenção estavam à beira do colapso.

— Jenny, precisamos ejetar isso AGORA! — Z3-PO insistiu, sua voz cheia de urgência.

— Já estou trabalhando nisso! — ela rosou, cravando ambas as lâminas na lateral do corpo da criatura. Com um movimento brutal, ela rasgou a carapaça da criatura de cima a baixo, expondo órgãos internos que pulsavam com uma luz estranha. Um líquido grosso e negro jorrou, cobrindo-a quase completamente.

A criatura caiu no chão, convulsionando violentamente. Jenny não perdeu tempo. Ela ativou o sistema de ejeção de emergência, e uma série de luzes vermelhas começou a piscar na sala.

— Ejetando o parasita em três... dois... — Z3 anunciou, mas antes que pudesse terminar, Jenny foi pega de surpresa. O parasita, em um último ato de resistência, lançou um de seus tentáculos em direção ao painel de controle, destruindo-o. A sala inteira entrou em um frenesi de alarmes e explosões menores.

Jenny gritou de frustração e, com um salto, empurrou o corpo inerte da criatura em direção à câmara de ejeção manual. Usando toda a sua força, ela ativou o mecanismo de liberação. O corpo da criatura foi sugado para fora da nave em um vácuo violento, mas o dano já estava feito.

Do lado de fora, o parasita flutuava, seu corpo em frangalhos. No entanto, o impacto de sua morte, combinado com a instabilidade do reator, causou um efeito colateral devastador. O espaço ao redor da nave começou a se distorcer. O vazio criado pela bolha de dobra espacial colapsou sobre si mesmo, comprimindo o corpo do parasita até um único ponto infinitesimal.

— Singularidade detectada! — Z3 gritou. — Buraco negro em formação! SUGIRO CORRER!

O buraco negro recém-formado começou a consumir tudo ao seu redor, sua gravidade implacável puxando detritos, luz e até mesmo partes da própria Dreadstar. Jenny mal conseguiu voltar ao corredor principal antes de sentir o impacto da gravidade oscilante.

— Sam! Precisamos sair daqui agora! — ela gritou pelo comunicador enquanto Z3 tentava estabilizar seus próprios sistemas.

Na ponte, Sam já estava lutando para manter a nave estável. — Mal temos combustível para um salto curto, quem dirá para escapar de um buraco negro! — ele gritou em resposta, suor escorrendo por seu rosto.

— Então improvise! — Jenny rugiu, agarrando-se a um corrimão enquanto a nave sacudia violentamente.

Z3 se conectou ao painel de navegação. — Eu calculei uma rota de saída mínima. É arriscado, mas... bem, nós vamos morrer de qualquer forma, então, que diferença faz?

Sam ativou o motor restante, forçando a nave a acelerar com o pouco de combustível que ainda tinham. A Dreadstar começou a se afastar do buraco negro, mas os alarmes indicavam que os sistemas estavam no limite. Um dos estabilizadores falhou, e uma explosão sacudiu a parte traseira da nave.

Com um último impulso, a nave conseguiu escapar da zona de gravidade intensa, mas estava em frangalhos. Os motores estavam completamente exauridos, e o painel de controle exibia uma mensagem terrível: **"Combustível insuficiente para salto."**

Jenny caiu no chão da ponte, exausta e coberta de sangue alienígena. — Escapamos... mas para onde vamos agora?

Sam não respondeu imediatamente. Ele olhou para os restos fumegantes de seus sistemas, um silêncio pesado preenchendo a ponte.

— Agora? — Z3 finalmente falou, sua voz carregada de sarcasmo e resignação. — Agora, esperamos. E rezamos... para o que quer que venha nos encontrar primeiro.



## — Capítulo Três —

# 1:1::41271 1 1!1::2:271

O silêncio na ponte da *Dreadstar* era quase poético, se não fosse pelo fato de que todos estavam prestes a morrer à deriva no espaço profundo. A tela principal piscava com um aviso pulsante e vermelho: "**COMBUSTÍVEL INSUFICIENTE PARA SALTO.**"

Jenny se levantou lentamente, esfregando o rosto coberto de sangue alienígena. Seu cabelo estava desgrenhado e grudado na testa, e sua expressão era a de alguém que acabara de passar por um moedor de carne.

— Ótimo — ela resmungou. — Escapamos da morte por um buraco negro, e agora vamos flutuar até nos tornarmos comida para qualquer coisa com dentes o bastante para nos mastigar.

Sam estava jogado na cadeira do piloto, girando um parafuso solto entre os dedos. — Tecnicamente, não precisamos morrer. A gente pode só... não respirar mais. Eu ouvi dizer que é uma experiência bem rápida.

— Ótima ideia, Sam! — Jenny retrucou, batendo as mãos sarcasticamente. — Por que não abre logo a escotilha e vê se o vácuo espacial realmente mata rápido? Só pra termos certeza.

Z3-PO, o andróide sarcástico, levantou a cabeça da tela de navegação. Seus olhos cibernéticos brilharam em um tom de azul desconfiado. — Certo, antes que vocês dois se matem, talvez seja um bom momento para discutirmos o que fazer. Ou... sei lá, se entregar ao destino e esperar um milagre intergaláctico. Eu particularmente gosto da segunda opção. Menos esforço.

Jenny bufou. — Milagre intergaláctico? Tá brincando, né? Não tem nada nesse setor além de sucata e predadores cósmicos.

— Ah, querida Jenny, mas é aí que você está errada! — Z3 fez um gesto animado e apontou para a tela do radar. — Porque há algo, sim, nesse setor. Algo grande, estranho e, se eu não estiver maluco... possivelmente ilegal.

Os olhos de Sam e Jenny se voltaram para a tela. Havia um sinal piscando a poucos parsecs de distância.

— O que é isso? — Sam perguntou, se inclinando para frente.

— Bem, de acordo com os meus scanners, parece ser uma estação espacial flutuante chamada *Ossuário de Bal'Thar*. — Z3 respondeu, analisando os dados. — Nome simpático, não acha? Nada ameaçador. Com certeza não é um covil de piratas espaciais perigosos e mercenários sádicos.

Jenny cruzou os braços. — E o que uma estação pirata tem que pode nos ajudar?

— Talvez combustível? — Z3 sugeriu. — Talvez uma morte horrível? Difícil dizer. Só tem um jeito de descobrir.

Sam deu de ombros. — Eu topo. Morrer parado ou morrer tentando é praticamente a mesma coisa, mas pelo menos no segundo caso temos a chance de dar um tiro em alguém antes.

Jenny suspirou. — Que seja. Mas se alguém tentar me vender peças roubadas de uma nave que eu mesma pilotei, eu juro que vou enfiar a cara deles no motor de resfriamento.

— Justo. — Z3 concordou. — Vamos só tentar não chamar muita atenção...

**UMA HORA DEPOIS...**

A *Dreadstar* se aproximava da imensa estação flutuante *Ossuário de Bal'Thar*, que parecia um amontoado de destroços espaciais unidos por pura teimosia e fita adesiva quântica. Cúpulas de vidro rachadas, plataformas improvisadas e neon piscante formavam um emaranhado de metal que gritava "sequestradores e tráfico de órgãos bem-vindos".

O canal de comunicação chiou e uma voz grave e carrancuda ressoou:

— Aqui é o Porto Bal'Thar. Identifiquem-se ou preparem-se para levar chumbo.

Jenny pressionou o botão do comunicador. — Oi, aqui é a *Dreadstar*, estamos precisando de combustível e, por algum milagre, dinheiro não é problema. Queremos abastecer e sair sem encrenca.

Houve um longo silêncio do outro lado.

— Ah, então dinheiro não é problema? — a voz respondeu. — Engraçado, porque aqui dinheiro não vale muito. Mas... favores valem.

Jenny se virou para Sam e Z3. — Lá vem coisa.

— Você não queria emoção? — Z3 comentou, reclinando-se no assento. — Pois aí está.

Dado o tom ameaçador, eu diria que nosso dia ainda pode piorar bastante.

O comunicador chiou de novo. — Atracem na doca 6. E tragam suas melhores expressões de 'não vou trair vocês'. Porque se tentarem algo... bem, digamos que conheço formas criativas de empalamento.

Jenny desligou o comunicador com um suspiro.

— Aposto cinco créditos que isso vai acabar em tiroteio — Sam murmurou, ajustando o coldre da arma.

— Faço questão de dobrar a aposta — Jenny respondeu, se levantando e pegando suas lâminas.

Z3 olhou de um para o outro e soltou um suspiro robótico. — Eu nem posso sangrar, mas já sinto que estou prestes a perder fluidos importantes.

A *Dreadstar* começou sua descida até a doca, e a silhueta de figuras encapuzadas já se reunia na entrada.

— Bem, meninos — Jenny sorriu com ironia. — Vamos fazer novos amigos. Ou arrumar mais inimigos, tanto faz.

Z3 balançou a cabeça. — Eu odeio vocês.

— Também te amamos, Z. — Sam piscou, antes de a porta da nave se abrir e a confusão começar.

O ar dentro da doca 6 tinha aquele cheiro característico de estações espaciais ilegais: uma mistura de ferrugem, óleo queimado e más decisões. O grupo que os aguardava parecia saído diretamente de um pesadelo cibernético — figuras altas, encapuzadas, com membros metálicos improvisados e olhos brilhando em tons de vermelho e verde.

No centro do grupo estava um sujeito particularmente grotesco. Ele tinha um corpo largo como um tanque de guerra e um rosto que parecia ter sido esculpido às pressas por um artista bêbado. Um dos olhos era biológico, o outro era uma lente que girava e focalizava como a de uma câmera de segurança defeituosa. Ele usava um sobretudo de couro reforçado e segurava um charuto digital que emitia pequenos flashes azuis.

— Bem-vindos ao *Ossuário de Bal'Thar*. — Sua voz parecia borbulhar dentro da própria garganta. — Meu nome é Kravoss. Eu mando nessa lata velha.

Sam sorriu daquele jeito que ele achava charmoso, mas que só fazia com que parecesse um vendedor de seguros tentando enganar um tubarão.

— Kravoss! Nome forte! Nome de respeito! Sabe, eu sempre quis conhecer o *Ossuário*. Lugar lendário. Bom, lendário no sentido de 'ninguém que pisa aqui sai vivo', mas ainda assim...

Jenny e Z3 olharam para ele como se quisessem que o espaço o engolissem ali mesmo. Kravoss não pareceu impressionado.

— Você fala demais.

— Obrigado, eu pratico. — Sam apontou para a nave. — Estamos com pouco combustível e podemos pagar. Então, que tipo de favor você quer?

Kravoss assoprou uma nuvem de vapor azulado de seu charuto digital.

— Tem um sujeito me devendo dinheiro. Um humano. Me disseram que vocês terráqueos são bons em resolver problemas uns dos outros.

Jenny cruzou os braços.

— Se fosse verdade, nossa espécie não teria 300 guerras acontecendo ao mesmo tempo.

— Bom argumento. Mas este problema específico precisa ser resolvido rápido. O nome dele é Jex Targo. Metido a esperto, mas já gastou cada centavo que eu emprestei pra ele. Ele tá escondido em um dos níveis inferiores da estação.

Sam inclinou a cabeça.

— Então você quer que a gente vá lá e... convença ele a pagar?

— Eu quero que tragam ele até mim. Vivo, de preferência. Morto, se for o único jeito.

Z3 balançou a cabeça.

— Ah, claro, missão de sequestro! Eu já estava preocupado que nossa estadia aqui seria pacífica e civilizada.

Jenny suspirou e olhou para Sam.

— Você que nos meteu nisso. Vamos logo antes que eu decida te vender pro mercado negro.

— Não posso ser vendido. — Z3 apontou para si mesmo. — Sou propriedade sentimental registrada.

Sam ergueu as mãos.

— Tá, tá! Vamos pegar esse cara e sair daqui antes que minha cabeça acabe como troféu na parede desse lugar.

— Está certo companheiros, ordenarei a meus homens que encham seu combustível.

Os níveis inferiores do *Ossuário de Bal'Thar* faziam a doca parecer um resort cinco estrelas. Os corredores eram apertados, a iluminação piscava, e o chão estava coberto por uma camada de sujeira que parecia ter vida própria.

Eles encontraram Jex Targo exatamente onde Kravoss disse que estaria: em um bar chamado *O Golpe Sujo*. O humano era magro, nervoso, com um tique estranho no olho esquerdo e um colete que provavelmente fora roubado de um piloto morto. Ele segurava um copo de algo espesso e roxo, enquanto olhava de um lado para o outro como se esperasse que a morte surgisse a qualquer momento.

Ele viu Sam primeiro e imediatamente tentou fugir.

— Ah, não, não, não... — Jex murmurou, se esgueirando para fora da mesa.

Jenny foi mais rápida. Com um movimento fluido, jogou uma faca que se cravou bem no painel da parede ao lado da cabeça de Jex. Ele congelou.

— Aonde você acha que vai, esperto? — ela disse, andando até ele com um sorriso predatório.

Sam puxou uma cadeira e sentou ao lado de Jex, colocando um braço amigável ao redor dos ombros do sujeito.

— Olha, Jex, eu entendo. Você pegou dinheiro do cara errado, achou que podia fugir, e agora estamos aqui. Mas boas notícias! Estamos te dando uma chance de sair disso sem perder órgãos importantes.

Jex engoliu em seco.

— Kravoss me mandou vocês, não foi?

— Não, a gente veio porque ouviu falar da sua incrível hospitalidade. — Z3 revirou os olhos.

Jex olhou ao redor, desesperado.



— Eu não posso voltar pra ele! Ele vai me matar!

— E se não formos nós, vai ser alguém muito pior. — Jenny apontou com o polegar para uma gangue de alienígenas sinistros do outro lado do bar. — Acho que aqueles caras ali estavam falando sobre você agora há pouco.

Jex olhou na direção do grupo e empalideceu.

— Ah, droga.

Sam sorriu.

— Então... vamos andando, né?

Jex suspirou e se levantou, derrotado.

— Isso vai acabar mal.

— Relaxa, — Sam deu um tapinha nas costas dele. — Pelo menos, se acabar mal, não será só pra você.

Enquanto o grupo saía do bar com Jex entre eles, Z3 olhou para os céus metálicos do *Ossuário* e suspirou.

— Eu odeio minha vida.

— Não seja dramático. — Jenny murmurou.

— Meu corpo é composto 90% de metal, não posso ser dramático. Mas posso calcular a probabilidade de morrermos em 15 minutos.

— Não quero saber.

— Ótimo, porque são 87%.

Jenny rosnou e puxou Jex pelo braço.

— Vamos logo antes que esses 13% desapareçam.

Eles começaram a andar rápido, mas, antes que pudessem chegar à doca, uma sirene ecoou pela estação.

— **ALERTA! ALERTA!**

As telas de segurança piscaram e uma mensagem apareceu:

**"TODOS OS ACESSOS BLOQUEADOS. ORDEM DE KRAVOSS."**

Jex empalideceu. Sam franziu a testa.

— Huh. Isso... não parece um bom sinal.

Jenny estalou os dedos.

— Eu sabia. Eu sabia que ia acabar em tiroteio.

Z3 apenas cruzou os braços metálicos.

— Eu odeio vocês.

Sam suspirou e sacou a arma.

— Bom... hora de improvisar.

O alarme estrondava como o rugido de uma fera colossal. As luzes piscavam num frenesi vermelho enquanto dezenas de portas metálicas se fechavam automaticamente, selando corredores e bloqueando rotas de fuga.

— Bom, isso escalou rápido. — Sam murmurou, ajustando o coldre da arma.

Jenny chutou um painel próximo, tentando inutilmente abrir uma das portas.

— Esse filho da mãe de Kravoss armou pra gente.

Z3-PO analisava o terminal mais próximo, suas mãos metálicas digitando em alta velocidade.

— Surpresa, surpresa. Kravoss *não* era um sujeito confiável. Quem poderia imaginar?

Jex Targo tremia como um rato encurralado.

— Ele quer me matar! Eu disse que ele ia me matar!

Sam o segurou pelo colarinho.

— Então talvez da próxima vez você não pegue dinheiro emprestado de um cara cujo nome parece um ronco de dragão!

O barulho de passos pesados encheu o corredor. Não passos comuns — passos mecânicos, de botas blindadas com reforço hidráulico. Sam olhou para Jenny.

— Eles têm soldados mecanizados?

Ela bufou.

— *Óbvio* que têm soldados mecanizados. Todo chefe de crime intergaláctico tem soldados mecanizados!

As portas da frente explodiram antes que qualquer um pudesse reagir. O impacto os lançou para trás enquanto a parede se desintegrava em uma chuva de metal e fogo. No meio da fumaça, surgiram três figuras colossais.

Eram *Evisceradores de Kravoss*. Autômatos de guerra do tamanho de um humanoide, mas construídos com ligas reforçadas e carregando canhões de plasma nos braços. Seus olhos brilhavam em tons de laranja incandescente.

— *Alvos adquiridos*. — A voz robótica reverberou, fria e definitiva.

— Alvos? — Sam franziu a testa. — Espere aí, plural?! Nós nem devíamos estar na sua lista, seus pedaços de sucata!

Um feixe de plasma passou zunindo ao lado de sua cabeça.

— Ah, dane-se. — Ele puxou as armas e abriu fogo.

O tiroteio explodiu como fogos de artifício de um planeta condenado. Sam rolou para trás de uma pilha de sucata enquanto Jenny puxava suas lâminas e avançava como uma tempestade letal.

O primeiro Eviscerador disparou outro feixe de plasma. Jenny deslizou por baixo do disparo, girando no ar e cravando uma lâmina energizada no pescoço da máquina. Faíscas explodiram do contato, e o robô cambaleou.

Sam, ainda atrás da pilha de sucata, descarregava tiros contra outro Eviscerador, mas a armadura absorvia os disparos como se fossem pedriscos numa tempestade.

— Tá de brincadeira?! Quem faz armaduras tão resistentes assim?!

Z3-PO, enquanto isso, apenas analisava a cena e levantava um dedo metálico.

— Tecnicamente, um mercenário de elite do setor J-9 chamado Bortha Draag...

— NÃO É HORA PRA ISSO, Z! — Jenny gritou, desviando por pouco de um soco mecânico que teria transformado sua cabeça em poeira cósmica.

Jex Targo estava se escondendo atrás de uma coluna e gritou: — EU NÃO SEI LUTAR! O QUE EU FAÇO?!

— Fica aí e torce pra gente não morrer! — Sam retrucou.

Jenny conseguiu arrancar a cabeça do primeiro Eviscerador, mas os outros dois estavam avançando. Foi então que Z3 estalou os dedos.

— Ah, claro! Como eu não pensei nisso antes?

Sam se encolheu quando um tiro explodiu perto dele. — *No que?!*

— Eu tenho um transmissor de alta frequência que pode *reinicializar* a programação deles!

Jenny, ofegante, desviou de mais um golpe e rosnou: — Então usa logo!

— Bom, tem um problema... Eu preciso de dez segundos sem interrupção para ativar o pulso.

Sam olhou para o campo de batalha, então olhou para Jenny. Eles trocaram um olhar.

— Dez segundos? — Sam murmurou.

— Pode deixar. — Jenny sorriu.

Sem hesitar, ela correu diretamente para os dois Evisceradores restantes. Em um movimento insano, deslizou entre as pernas metálicas do primeiro, subiu nas costas do segundo e, com uma explosão de força, arrancou a tampa de um dos circuitos expostos. O robô começou a se debater, tentando alcançá-la.

Sam, por sua vez, disparou tiros certos nas articulações do outro, retardando seu avanço.

— VAI, Z! — ele gritou.

O andróide ergueu os braços e ativou o pulso. Um estrondo supersônico reverberou pelo corredor. Os olhos dos Evisceradores piscaram... e então apagaram.

Um silêncio tenso caiu no ambiente.

Os robôs ficaram imóveis, e então, com um baque pesado, tombaram no chão.

Sam soltou o ar, aliviado. Jenny pulou para o chão, respirando fundo.

— Ah, eu quero tanto explodir esse lugar.

Z3-PO se esticou. — Primeiro, precisamos sair daqui.

Antes que pudessem comemorar, o intercomunicador da estação ecoou com a voz de Kravoss.

— Impressionante. — Ele riu. — Eu subestimei vocês. Mas acham que vão sair daqui vivos?

O teto tremeu, e uma enorme rachadura se formou acima deles. Jenny olhou para cima e sua expressão ficou pálida.

— Ele tá derrubando esse andar.

— Que cara dramático. — Sam resmungou.

As sirenes ficaram mais altas, e Kravoss finalizou:

— Adeus, *Dreadstar*.

O chão começou a ceder. Peças de metal caíam como chuva mortal. O grupo começou a correr em direção à doca.

Jenny gritou para Z3: — *Diz que você consegue reativar nossa nave rapidinho!*

— Oh, por favor, sou um gênio! — Ele parou. — Mas não sei se consigo antes que a gente morra esmagado.

— ENTÃO CORRE MAIS RÁPIDO!

A estação começou a se despedaçar, e enquanto o grupo corria pelo corredor, um rugido colossal reverberou pelo *Ossuário de Bal'Thar*.

E não era um rugido mecânico.

Algo **vivo** estava despertando.

Sam olhou para trás e viu uma sombra colossal se movendo nos destroços.

Ele arregalou os olhos.

— Ah, não...

Jenny percebeu o mesmo e praguejou.

— Kravoss tinha um maldito titã biônico guardado na estação?!

O chão desabou completamente atrás deles. A criatura se ergueu, seus olhos luminescentes os encarando através da poeira.

E então ela rugiu.

— Ok, — Sam engoliu em seco. — eu retiro o que disse antes...

Jenny ergueu as lâminas.

— Agora sim *isto* virou uma missão suicida.

O chão sob seus pés começou a rachar. E a batalha *real* estava apenas começando.



## — Capítulo Quatro —

# ניכח-הדי לר:אל לא יול:ר

O Ossuário de Bal'Thar tremia como se estivesse prestes a se despedaçar. O titã biônico rugia, seus olhos brilhando em um tom verde-neon, enquanto o chão rachava sob seu peso colossal. Sam, Jenny e Z3-PO corriam em direção à doca onde a *Dreadstar* estava ancorada, desviando de destroços em chamas e tiros de plasma disparados pelos mercenários sobreviventes de Kravoss.

— O QUE MAIS PODE DAR ERRADO HOJE?! — gritou Sam, enquanto uma viga flamejante caía a poucos metros de sua cabeça.

— Você quer que eu faça uma lista ou só vamos correr?! — retrucou Jenny, cortando um mercenário que teve a infeliz ideia de tentar interceptá-los.

Z3-PO, correndo atrás, gesticulava furiosamente. — Ah, sim! O robô desarmado e indefeso adora ser arrastado para situações de morte iminente! Estou completamente confortável!

Eles dobraram o corredor final para a doca e viram a silhueta familiar da *Dreadstar*, mas antes que pudessem correr para dentro, uma explosão de luz azul tomou o espaço.

— ALERTA! ALERTA! INTERVENÇÃO DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA INTERGALÁCTICO! — ecoou uma voz autoritária pelos alto-falantes da estação.

Jenny parou abruptamente. — Ah, merda.

Da luz azul emergiram três naves de patrulha *Spectra*, deslizando pelo espaço como predadores silenciosos. Suas portas laterais se abriram, e soldados do FTE—Força Tática Espectral—se lançaram para dentro da estação, suas armaduras *Orion* refletindo o brilho caótico do Ossuário em chamas. Eles se moviam com precisão mecânica, apontando rifles de contenção que emitiam um zumbido elétrico ameaçador.

Do centro do esquadrão, uma figura imponente emergiu: um oficial de armadura azul e preta, com um capacete aerodinâmico que brilhava sob as luzes oscilantes da estação. Ele levantou um bracelete e projetou um holograma no ar: os rostos de Sam, Jenny e Z3-PO, acompanhados da etiqueta **PROCURADOS – 50 MILHÕES DE CRÉDITOS**.

Sam piscou. — Olha só, minha foto ficou boa! Nem parece que eu não durmo há três dias. Jenny deu um tapa na nuca dele. — Cala a boca!

O oficial do DPI deu um passo à frente, a voz amplificada pelo comunicador embutido.

— Sam Orion, Jenny Akeel, e unidade Z3-PO. Vocês estão cercados e sob jurisdição do Departamento de Polícia Intergaláctico. Rendam-se agora, ou usaremos força letal.

Sam ergueu as mãos, um sorriso nervoso no rosto. — Agora, amigos, sejamos racionais. O Kravoss ali atrás é um notório traficante, assassino e tem um titã biônico destruidor de estações espaciais! Não devíamos estar, tipo, trabalhando juntos para detê-lo?

O oficial ignorou o comentário e continuou. — Vocês são procurados por crimes contra a Coalizão dos Mundos Livres. Se não se renderem, teremos permissão para eliminá-los.

Jenny apertou os punhos, pronta para reagir, mas então parou e franziu a testa.

— Espera. Como vocês chegaram aqui tão rápido?

Z3-PO inclinou a cabeça metálica. — Ah, uma excelente pergunta, minha cara Jenny! Uma que leva a uma conclusão preocupante...

Sam piscou e olhou para o oficial. — Vocês trabalham com o Kravoss, não trabalham?

O silêncio dos soldados confirmou sua suspeita. Jenny soltou uma risada incrédula.

— O maldito Kravoss tem ligação com a polícia intergaláctica! Claro! Porque quando as coisas não podem piorar, elas pioram!

Sam suspirou, estalando os dedos. — Ok, novo plano. Ficar e negociar não é mais uma opção. Corremos para a nave e tentamos fugir.

Jenny cerrou os olhos. — Isso era seu plano o tempo todo, né?

— Eu chamo de plano flexível. Agora, corre!

Os três dispararam para a *Dreadstar* enquanto os soldados do FTE abriam fogo. Pulsos gravitacionais e feixes de plasma zuniam ao redor deles enquanto se jogavam para dentro da nave.

— Z3, ativa os escudos e os propulsores! Jenny, torce para a gente não morrer!

— Eu sempre torço por isso! — gritou Jenny, agarrando o manche da nave enquanto os motores roncavam.

Sam olhou pelo vidro frontal e viu o titã biônico se erguendo nos destroços, enquanto os soldados do FTE recuavam, percebendo tarde demais que estavam no meio do caos.

— Hora de sair voando daqui! — Sam puxou a alavanca e a *Dreadstar* disparou pelo espaço, escapando por um fio enquanto o Ossuário começava a implodir.

Z3-PO se jogou contra a parede da cabine e suspirou. — Eu odeio vocês.

Sam sorriu. — Também te amamos, Z.